

SEXUALIDADE E PODER: UMA ANÁLISE SOBRE A NEGAÇÃO DO SENSÍVEL E DO PRAZER EM NIETZSCHE E FOUCAULT

Sandro Cozza Sayão*

Recebido: 08 mar. 2013

Aprovado: 02 maio 2013

*Doutor em Filosofia. Professor do Departamento de Filosofia UFPE. Membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Helder Câmara e do Núcleo de Ciência e Cultura de Paz da UFPE. Pernambuco, Recife - Brasil. E-mail. sandro_sayao@hotmail.com

Resumo: Pensar a sexualidade humana e sua relação com a questão do poder, eis a tarefa maior deste artigo. Nele entrecruzo as considerações de Nietzsche a respeito do nascimento da metafísica e da negação das forças dionisíacas como momentos da construção artificial e onírica do pensamento com as grandes temáticas sobre o poder, prazer e a construção dos discursos sobre a sexualidade em Foucault.

Palavras-chave: Nietzsche. Foucault. Sexualidade. Poder.

SEXUALITY AND POWER: A CRITICAL ANALYSIS OF THE SENSITIVE AND THE PLEASURE IN FRIEDRICH NIETZSCHE E MICHAEL FOUCAULT

Abstract: This article aims to discuss the human sexuality and its relation with the power issue. The article interconnects Nietzsche's considerations in regards to the emergence of the metaphysics and his denial of the Dionysian forces as artificial and oneiric constructing moments of thinking with major subjects about power, pleasure and speech building related to sexuality in Foucault.

Key words: Nietzsche. Foucault. Sexuality. Power.

Não sei quem sou, que alma tenho.
Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo.
Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros)...
Sinto crenças que não tenho.
Enlevam-me ânsias que repudio.
A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me ponta
traições de alma a um carácter que talvez eu não tenha,
nem ela julga que eu tenho.
Sinto-me múltiplo.
Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos
que torcem para reflexões falsas
uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas.
Como o panteísta se sente árvore (?) e até a flor,
eu sinto-me vários seres.
Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente,
como se o meu ser participasse de todos os homens,
incompletamente de cada (?),
por uma suma de não-eus sintetizados num eu postiço. (Fernando Pessoa)

A SEXUALIDADE NÃO DITA: DISCURSO E SILÊNCIO A PARTIR DE FOUCAULT

Não há como negar o campo de tensões que se vive, quando tratamos do tema da sexualidade humana. Embora tenhamos dado passos significativos em nossa sociedade¹, principalmente depois da “revolução sexual” dos anos sessenta e da anterior laicização do conhecimento e da educação, nos quais se “liberou” a sexualidade do excesso da carga repressiva com que era tratada pelas estruturas religiosas², falar sobre sexo e sexualidade continua sendo um tabu e uma tarefa complicada. Para muitos ou esse é um tema que se deve falar nos bastidores, algo que não deve ser dito na claridade do dia e com isso ser reservado à intimidade dos quartos escuros, ou é ele um assunto formal concernente a médicos e psicólogos que exigem de nós respeito e conformação. Como nos diria Foucault (1998, p. 10), em torno do sexo se cala e se

¹ Importa salientar que no Brasil, principalmente depois da constituição de 1988, tivemos avanços consideráveis no campo dos direitos políticos, civis, econômicos, sociais e culturais que influenciaram significativamente na redefinição do trato das questões de gênero e sexualidade.

² Falo principalmente da laicização das escolas e universidades e da consequente abertura laica que permite adentrar-se em temas outrora escamoteados dentro da formação religiosa. No mundo, encontraremos ainda hoje, em pleno século XXI, um grande número de países cuja temática da sexualidade é ainda tratada de forma absurda, isso principalmente em razão do domínio obscurantista de fundamentalistas religiosos no poder. Cabe frisar, que o obscurantismo de grupos religiosos ou segmentários desses, onde o sistema educacional é controlado por ideologias fundamentalistas, representa um atraso para a sociedade e a para as nações. Basta olhar para as culturas em que estado e religião se confundem para se observar como nestes pairam atitudes e posturas absurdamente violentas e preconceituosas altamente reguladoras dos corpos, do prazer, do feminino e da sexualidade de um modo geral.

silencia, embora isso não signifique dizer que se viva na ausência de discursos sobre a sexualidade.³

Em “História da sexualidade” (FOUCAULT, 1998, p. 11), principalmente no seu volume 1, que se refere à vontade de saber, Foucault (1998) vai considerar que não nos faltam discursos sobre a sexualidade humana. Ao contrário do que se possa pensar, embora a sexualidade seja um dos assuntos mais controlados e blindados entre nós, ela é, ao mesmo tempo, um dos temas dos quais mais se falou e se fala ao longo da história. Segundo Foucault (1998), se de certa forma a repressão ligou saber, poder e sexualidade, fazendo reverberar um fluxo singular de sentidos que justificou e ainda justifica os não-ditos, os mal/ditos e o que é permitido ser dito, criando a aura de silêncio que por muito tempo fez com que esse fosse um tema sinuoso e não claramente pronunciado, a *hipótese repressiva*, como ele sugere, não justifica o todo do trato da sexualidade na sociedade. Embora não negue a repressão e a própria interdição do tema, Foucault (1998) considera que a sexualidade não é necessária ou diretamente reprimida dentro dos grupos humanos. Ao contrário disso, haveria exatamente um excesso de ditos que a sujeitam a discursos das mais variadas formas que de modos igualmente múltiplos a controlam e subjagam. Para Foucault (1998), a sexualidade nesse sentido não seria necessariamente governada por meio de uma interdição direta na forma de leis e normas punitivas que a regulariam impondo sobre essas restrições ou interditos, mas ela seria ordenada e administrada pela própria construção argumentativa que se faz. São os discursos e as produções intelectivas que se tecem e se produzem num determinado tempo, as verdades que se elaboram e promulgam, e aqui se destacam os ditos elaborados pelas religiões, pelos cientistas e médicos, que funcionariam como mecanismos de poder regulador.

Foucault (1998) vai demonstrar, via genealogia do poder, todo um regime de saber-poder-prazer no qual vai explicitar as forças presentes nos discursos sobre a sexualidade e o sexo, desde as quais se estatuem as peculiares formas de controle dos corpos, dos indivíduos e das sociedades. Ele quer saber por quais mecanismos se consegue penetrar, manipular e determinar as

³ Interessante notar que a primeira pergunta que se faz quando do nascimento de uma criança é uma pergunta relativa à sexualidade, ou seja, “o que é?”. Sexualidade que aqui é objetificada, tornada coisa, ao mesmo tempo que é confundida com o sexo biológico. A partir da resposta, define-se a que condição pertence a criança e consequentemente o posto que ela deve assumir na sociedade. Obviamente que falo isso assumindo uma postura crítica a toda forma de categorização, quanto mais atrasada em relação aos direitos humanos for uma sociedade, maior a carga impositiva sobre as questões de gênero.

formas de prazer no cotidiano e, a partir disso, se afasta da necessidade de verificar se os discursos e os ditos existentes são sustentáculos da verdade, para passar a um estágio argumentativo no qual interessa revelar a “vontade de saber” que servem, ao mesmo tempo, aos discursos de suporte e instrumento (FOUCAULT, 1998, p. 18).

Desde então, defende o fato de que a sexualidade humana estaria dentro de um jogo entre saber e poder, no qual os discursos e os ditos elaborados funcionam como modos de interdição e restrição do prazer. Ao olhar para os muitos momentos históricos, desde o modo como a religião cristã ergue suas verdades sobre o sexo passando pela modernidade e o erguer das afirmações médicas e científicas que tratam dos distúrbios sexuais, das anomalias e do que é lícito e ilícito Foucault (1998) vai apontar para uma exata articulação entre saber-poder-prazer, que resulta no controle e na determinação de como se deve ser e agir. Haveria na base de tudo que se diz e se argumenta a respeito da sexualidade um desejo de poder implícito, que, na verdade, tem como grande meta o controle dos corpos e das subjetividades, mesmo que isso não seja feito diretamente pela via de proibições, recusas, censuras ou negações.

Nessa medida, Foucault (1998) sai da precariedade do discurso, para considerar a própria abundância de ditos e de como neles se desdobra toda a dinâmica do poder. A vontade de saber mostra-se no fundo uma vontade de poder que se desdobra e fragmenta em incontáveis discursos que regulam, castram, domesticam e submetem os sujeitos a um determinado modo de ser adequado ao tempo e ao sentido civilizatório em questão. E, a partir daí, vai considerar que o que se diz e se pronuncia sobre a sexualidade vai ser o meio da própria regulação da sexualidade. E por isso o interesse em analisar “quem fala?”, “de onde fala?”, “de que horizonte de sentidos se fala?” e, mais do que isso, “por que razões se fala?”.

Neste caminho interpretativo, Foucault (1998) vai fazer uma “analítica” do poder e apontar cinco dos seus traços principais, sejam eles:

- a) Em primeiro lugar, destaca o que vai denominar de relação negativa, ou seja, com respeito a sexo o poder jamais estabelece uma relação que não seja de rejeição, exclusão, recusa, barragem ou, ainda, ocultação e mascaramento (FOUCAULT, 1998, p. 93). O poder, nesse caso, assume necessariamente a forma de conformação do sexo e do prazer a um determinado modo de ser, a uma determinada forma e padrão;
- b) Em segundo lugar, destaca o fato de que é o próprio poder que dita a regra. Isso num primeiro momento, reduzindo o sexo a um sistema binário, ou seja, lícito e ilícito, permitido e proibido, para, em seguida,

prescrever, por meio do discurso, uma determinada forma de ser. Em outros termos, o poder funcionaria aqui como legislador, numa forma jurídico-discursiva que determinaria o modo adequado de ser;

- c) Em terceiro lugar, destaca que outro traço do poder é exatamente a interdição, no que chama de ciclo de interdição, em que a regra subliminar diz não tenhas prazer, não fales, não apareças, em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo (FOUCAULT, 1998, p. 93). Aqui, o poder determina a questão do sexo, do prazer e da sexualidade, uma regra que anuncia a anulação total;
- d) Em quarto lugar, Foucault vai discorrer sobre o fato de que essa *lógica da censura* assume três formas básicas: afirmar que não é permitido, impedir que se diga e negar que exista. Aqui, dá-se a recusa da palavra; nela o poder que se efetiva através de diferentes discursos, cria uma lógica de censura que impede o próprio dito, que impede que se fale e que se diga.
- e) E por último, Foucault destaca a unidade do dispositivo, ou seja, o poder sobre o sexo se exerce do mesmo modo em todos os níveis. Haveria uma fórmula geral de submissão a qual todos estariam imersos.

A NECESSIDADE DA REGULAÇÃO DO PRAZER E O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA: QUESTÕES DE NIETZSCHE

A partir disso, caberia agora analisar os motivos da própria necessidade de controle da sexualidade e do prazer, o que nos levaria a perguntar sobre a gênese desse desejo de regulação e dessa ideia de que a sexualidade deve ser necessariamente normatizada. Por quais razões criamos a necessidade de discursos que nos possam orientar no campo da expressão do desejo e da orientação sexual? Por que a sexualidade e o prazer devem ser regulados? Falar dessa gênese é, a meu ver, encontrar-se com as raízes de nossa própria cultura ocidental, donde brota grande parte do nosso sentido civilizatório.

É interessante observar que desde a antiguidade clássica, e aqui me refiro especificamente ao momento apolíneo grego (FOUCAULT, 1998, p. 93), em que a visceral dimensão dionisíaca do prazer é subsumida em razão da luminosidade da consciência e da ordem dos argumentos metafísicos, o prazer começa a ser deliberadamente colocado de escanteio, ao mesmo tempo em que se gesta a origem das múltiplas formas de controle da sexualidade humana. A partir de Sócrates e da definição do mundo das ideias como grande ponto de referência ao pensamento, questão que Nietzsche (2007) denuncia em “O nascimento da tragédia” e em obras como “Crepúsculo dos ídolos e humano demasiado humano” (2006), gesta-se todo um contexto de sentido que engendra a humanidade o apontamento de um *locus* ideal ao pensamento. *Locus*⁴ este

⁴ Refiro-me aqui a afirmação dualista platônica em que o mundo físico e material é apenas a expressão de uma mera sombra do mundo ideal, “mundo das ideias” onde habitam as verdades. Daí a palavra metafísica que do grego antigo μετὰ [metà] = depois de, além de; e Φυσις [physis] = natureza ou física.

que instaurar uma “alergia” a toda dimensão mundana e corporal dos desejos e da dinâmica dos sentidos.

Ao debater sobre a tragédia grega, Nietzsche (2007) vai nos mostrar esse caminho de negação do sensível seguido pelo Ocidente, em que o mais próprio e sincero de nossa presença no mundo, onde vibra a visceral dimensão do desejo e do prazer, é sempre posto num terreno decadente e degradante. Segundo ele, desde os primeiros metafísicos, e aqui fala principalmente de todos que sucederam Sócrates, vai-se considerar que a vida em sua textura carnal nada vale. Desde aí, a nossa sutil presença no mundo, séculos depois celebrada pela fenomenologia e pelas filosofias do corpo, como a de Merleau-Ponty, são desprezadas e desconsideradas. São elas apenas movimentos das sombras cuja verdade, que é sempre luminosa, deve se distanciar. Nesta perspectiva, cria-se uma projeção ao pensamento que o distancia das pulsões e dos desejos, do prazer e mesmo do sexo, que passam a ser sempre sinuosamente compreendidos. E, deste modo, a visceral agitação do desejo, neste caso, considerada uma realidade grosseira, é subsumida em razão da segurança das verdades luminosas representadas pelo deus Apolo e nisso o lugar próprio do homem de inteligência torna-se, ao mesmo tempo, lugar da idealidade apolínea.⁵

Dito isso, importa considerar que se esse desvio das questões viscerais toma fôlego a partir das elaborações de Sócrates e Platão, é nos mil anos da idade média, seguidos pelos mais de quatrocentos anos de modernidade, que a corporeidade e o sensual foram definitivamente subjulgados e preconceituosamente relegados a questões de segunda ordem. Na estruturação da religião cristã como estado e na posterior revolução da racionalidade moderna, radicaliza-se ainda mais esse distanciamento da sensualidade do mundo. No caminho que vai da ação contemplativa de Santo Agostinho, explicitada em seu famoso “De magistro”, no qual a racionalidade tipicamente medieval cria e promulga a ideia do corpo como fonte do pecado, como algo a ser admoestado, castrado e tolhido para que a luz divina presente em cada um se manifeste, até a postura racionalista idealizadora de verdades na qual vigora a descentralização do homem do desejo e da mundaneidade, tal como se projeta pós-revolução científica via matematização do pensamento, o que se vê é uma história de negação do campo sensual que nos leva a assumir um

⁵ Nietzsche vai mostrar ainda que a filosofia teria surgido exatamente na mão destes negadores da vida, que, segundo ele, se esforçaram em criar artificialidades assépticas ao mundo, iludindo os homens e mantendo-os desviados do mais autêntico desse nosso estar aí.

caminho de desconexão com o mundano.⁶ Lembremos que para o grande representante da revolução do pensamento pós-medieval, René Descartes, os sentidos são a fonte do erro e do engano. São eles fontes de equívoco no qual pesam as credices e engodos e que deles devemos nos distanciar. Desde então, não convém ao pensamento especular detidamente a respeito da *carne*, fonte do erro e do pecado, o que vai engendrar toda uma inaptidão e preconceito que cria um caminho no qual o homem é posto de ponta cabeça, ou seja, desterrado do desejo e da visceralidade mundana da qual repercute seu entrecruzar sensitivo com o mundo.

Nietzsche (2000) chega ao ponto de afirmar que caminhamos desde então na trilha de idealidades oníricas, em sonhos artificiais criados como forma de nos defender das agruras da vida e de todas as pulsões peculiares que são para além das forças da consciência e da razão. E talvez aí esteja um outro ponto importante de ser considerado: por que trilhamos nesse caminho de obscuridade e de negação?

SEXUALIDADE, OBSCURIDADE E NEGAÇÃO: AINDA SOBRE NIETZSCHE

Para quem lida com as tramas existencialistas, há que se considerar que se a humanidade segue nesse caminho há um desejo inato, uma escolha *a priori* que determina que tal o seja. Se optamos por esse caminho civilizatório em que as pulsões sexuais e o desejo são subjugados em razão das estruturas superiores que seriam a consciência e a racionalidade, isso não se dá à toa. Há um motivo singular que nos faz ainda vagar nesse caminho. A dinamicidade do poder e sua microfísica que engendram aos homens formas de ser, regras e interdições são no fundo uma escolha humana, são um dispositivo humano de cerceamento e controle daquilo que talvez seja nossa face mais subversiva, qual seja, o universo do desejo. E para olhar essa inaptidão que se faz regra, há que se tomar fôlego na desagregação e desqualificação de todos os valores, a conhecida transvaloração de todos os valores de Nietzsche, para que possamos novamente tatear com sinceridade o estofado visceral mais próprio dessa sutil película chamada homem.

⁶ Seria interessante conferir as considerações de Nietzsche em *Humano demasiado humano* e *Crepúsculo dos ídolos*. Nelas se percebe exatamente esse esforço do filósofo/filólogo alemão em nos mostrar imersos na visceralidade do mundo, com os “pés de barro”, transpassados pelas mesmas forças de interessamento que conduzem todos os demais entes no mundo. O que segue um caminho alternativo às pretensões idealistas que, segundo ele, nos conectariam a um mundo de artificialidades e ilusão.

Nietzsche é, com toda certeza, um dos autores mais importantes neste cenário de busca de autenticidade e um dos filósofos mais significativos a tudo que hoje se delinea no campo do pensamento que se debruça sobre a sensualidade, o desejo e o mundo fenomênico, tal como posteriormente a fenomenologia o vai trabalhar. Em “O nascimento da tragédia”, para mim uma de suas obras mais lindas, Nietzsche (2007) apresenta de forma magistral essa disputa entre o mundo visceral das pulsões mais íntimas da condição humana representadas por Dionísio e as projeções luminosas de uma racionalidade que projeta à vida sentidos e artificialidades, significados e estruturas, para desse modo poder manipulá-la. Para ele, nossa maior dificuldade é exatamente aceitar a vida tal como ela é. É vivermos em busca de referenciais e modos de ser nos quais sejamos isentos à rude mundaneidade em que pesa a finitude, a morte e, a temporalidade. Embora não utilize exatamente esses termos, Nietzsche concebe o mundo intelectual e as projeções luminosas da consciência, nas quais se erguem verdades a partir de um olhar de sobrevoo em relação à vida, como grandes engodos da humanidade, como grandes falácias criadas para manter hipnoticamente homens e mulheres distantes de si mesmos, ou seja, com a falsa impressão de que se tem a vida sob controle. Esse é um ponto significativo que gostaria de destacar aqui, a partir da referência discursiva de Nietzsche. Criamos artificialidades, projetamos verdades e formulações racionais negadoras da própria visceralidade mundana, para assim termos a falsa impressão de que a vida possui uma ordem, um sentido e um fim – e daí a interdição do prazer que por si mesmo é subversão.⁷

A profunda falta de sentido é um peso sufocante nos ombros humanos e todo esforço surge exatamente para negar esse não sentido primordial. Essa vontade subjacente à condição humana de ter a vida sob controle, essa vontade de poder escondida tal como um subsolo de sentidos que nos determina e conduz, é para Nietzsche o grande mote que nos leva ao distanciamento e à negação da vida tal como ela é. E se projetarmos essas questões ao campo da sexualidade, entenderemos a razão de ser esse um tema ainda tão delicado.

Frente às questões da sexualidade humana, frente ao desejo, não podemos impor regras, assim como somos incapazes de impor sistemas compreensivos a tudo que envolve nosso peculiar encontro com o mundo. A visceralidade de sentidos, tal como Dionísio, que vaga

⁷ Veja que o prazer não respeita convenções e regras de nenhuma espécie. Têm-se prazer ou se deseja, muitas vezes, coisas que talvez não se queira desejar. Por isso, o amor e o desejo são subversivos. Ama-se quem talvez não se queria amar. E daí a ainda vivacidade da afirmação de Pascal “*O coração tem razões que a razão desconhece*”.

entorpecido pelo mundo das sombras e da embriaguez, dá de ombros às forças racionais e seus mecanismos. Dionísio em sua dança vigorosa de fertilidade, que chega mesmo sem ser querido, excede a todas as imposições luminosas que a razão e a consciência sobre ele desejam projetar.

De diferentes modos, na “História da sexualidade” o que Foucault (1998) nos mostra é exatamente a dinâmica e a microfísica do poder que tenta anular a força subversiva daquilo que não se pode controlar. A sexualidade humana é castrada, domesticada e normatizada não de modo gratuito, mas em decorrência de um sentido maior de se controlar a vida subtraindo dessa toda ameaça. Nesse sentido, a criação da verdade seja ela religiosa, médica, científica ou jurídica dá-se dentro desse cenário no qual se busca abstrair da vida aquilo que ela tem de mais singular – ou seja, a não lógica, o não enquadramento aos nossos discursos e às nossas regras. A vida de nenhum modo se deixa castrar por aquilo que nós desejamos ou projetamos para ela. Viver é entregar ao inusitado, ao imprevisto ao acaso. E é essa assustadora alteridade própria da vida que torna impotente nossas forças e desejos e que exige de nós entrega e aceitação, que é um fato inaceitável por quem quer ter tudo sobre controle.

O que é particularmente estranho já que somos aqui e agora não por um ato da razão, mas por um ato de Eros. Foi do encontro erótico, não administrável do ponto de vista racional, que nascemos e somos o que somos. Somos herdeiros de Dionísio, da embriaguez do desejo e não das forças luminosas das projeções lógicas, não aceitar isso é continuar lutando contra a vida, contra os outros e consigo mesmo.

A NEGAÇÃO DO DIFERENTE

Por tudo isso, somos herdeiros de todo um contexto histórico de regulação que desemboca num sentido civilizatório calcado em crenças totalitárias⁸ que, de modo ideal, propõe uma sociedade harmoniosa via supressão da diversidade/alteridade. Nossa sociedade ergue-se indiferente às diferenças, alérgica a tudo que foge ao controle ou desrespeite as regras propostas, que têm em sua base a necessidade de ordenação do real. Isso, nas mais diferentes instâncias do viver humano. Não há lugar para dois. Nosso modelo é o modelo grego do herói solitário: Uno, astuto, que não pode dividir seu lugar com mais ninguém. Nossa história é a história de uma única verdade, de um único modo de ser, de uma única forma de viver. É o mito de Ulisses como exemplo e como sentido maior a ser seguido e imitado por todos nós. E nesse contexto todo outro é mortal, todo diferente é uma ameaça e uma possível projeção do que não se deve ser. E daí a necessidade da política como a arte de subversão daquilo que não é o mesmo, fato desde o qual se ergue a necessidade de um argumento que interdite, castre e despotencialize o Outro.

Neste cenário, gravita a falsa perspectiva de uma harmonia ideal, assentada na ordem totalitária em que ressoa o sentido maior de unidade e nela o que reverbera é o medo do descontrole que possibilita o insurgir de todo um contexto propício para as mais violentas reações. É o que acontece hoje no campo das religiões fundamentalistas que se alastram pelo Brasil, nas quais o discurso corrente é exatamente o da negação profunda da diversidade e das diferenças como forma de alcançarmos o paraíso na terra. É como se tivéssemos um sonho e a realidade por si mesma ameaçasse esse sonho, e, deste modo, tentássemos insistentemente preservá-lo de todas as ameaças lutando contra todos que o possam questionar. Neste sentido, se olharmos de perto, vamos perceber que por trás de todos os preconceitos existe, na verdade, um medo profundo da diferença – da alteridade. É o Outro que se teme, pelo simples fato da alteridade subverter a todas as lógicas e sentidos. A diferença não é bem vinda porque ela

⁸ Entenda-se por totalidade todo mecanismo de supressão e enquadramento da diferença, num processo de negação e redução do outro aos esquemas e determinações do que desde Levinas se convencionou chamar de mesmidade. Fala-se assim em termos de redução da alteridade aos esquemas conhecidos, aos termos do sistema e às regras hegemônicas que dizem como devemos ser e de que modo devemos nos comportar, pensar e sentir. Para formar um todo as partes devem renunciar à singularidade, devem se converter a um estatuto de unicidade que lhes dá significado e sentido. Por isso a conotação negativa da totalidade aqui.

corrompe as certezas, ela nos projeta a novos horizontes e desmantela o solo firme onde repousam todas as certezas que foram artificialmente elaboradas. Do atritar das diferenças nada permanece igual, ruem os edifícios de nossas idealizações, nem as questões mais sólidas. Do conflito que daí surge, uma nova realidade há de ser projetada e um novo sentido há de ser construído. Essa é a grande questão. Por mais sutil que seja esse estar com o Outro, o fato é que depois dele não permanecemos iguais, depois dessa experiência tudo se transmuta. Assim é no macro contexto das relações sociais, assim é na microesfera das relações humanas.

Obviamente, não se pode esquecer das histórias de violência que previamente negam a possibilidade do encontro verdadeiro. Onde a violência fez calar as vozes, onde as ações perversas anularam toda possibilidade de troca, não há encontro, mas apenas algo que fica no meio do caminho. Onde a violência se antecipa ao encontro real, onde ela para no primeiro reconhecimento de que algo difere de si, não há tempo para subversões, porque não há tempo para a relação. Houve aí apenas um reconhecimento prévio, mas que por conta do medo e da violência subjacente não permitiu a abertura, a hospitalidade e o acolhimento. Nela se permanece na esfera do egoísmo, padecendo do que se pode chamar encarceramento em si, que estendido transforma-se nas mais perversas patologias.

Tememos a mutabilidade, a não solidez e a insegurança do que não podemos controlar, e negamos das mais diferentes formas a dinamicidade da vida e a falta de controle que temos sobre nosso próprio existir. Nisso afastamos de nós tudo que nos possa ameaçar, nos entregando a um jogo de forças que resulta na criação de formas de poder e controle dos outros e do mundo que nos cerca. Neste sentido, interessa observar que se hoje vivemos ainda bizarras reações às múltiplas formas da sexualidade, a toda a múltipla forma de manifestação do desejo, essas se devem às estruturas paradigmáticas e ao contexto valorativo que sustentam nosso modo de pensar. É este orbe de sentidos, promotor da violência e das mais bizarras atitudes contra a tudo que foge à regra e que não possui uma implicação ética porque não afeta negativamente o outro, que tentarei aqui me dirigir. Se a pretensão é discutir uma possível mediação de conflitos, interessa antes considerar que não estamos eliminando o atrito produzido pelo encontro dos diferentes, mas estamos falando do modo que respondemos a esse trauma causado pelo encontro com o Outro. Falo assim, da necessidade de, num primeiro momento, despotencializarmos a violência desconstruindo o seu argumento, denunciando e desmistificando muitas das estruturas

que justificam o mal, para, em seguida, delinear a possibilidade de novos caminhos. Sem isso, apenas delinearíamos doces palavras que se tornam castelos de areia ao sabor das ondas.

Veja que as múltiplas manifestações da sexualidade humana, os muitos desdobramentos do desejo, que não necessariamente seguem à regra da normatividade do casal heterossexual com fins reprodutivos, não possuem, necessariamente, uma implicação ética. Somente haveria uma imputação ética quando a sexualidade e os desejos a ela concernentes fossem motivo de dor e sofrimento, de violação ou desrespeito ao outro, fora isso a sexualidade e suas muitas formas não são em nenhum momento um problema a ser considerado dentro do campo ético. Quando hoje se delibera com “voracidade” em defesa dos valores morais existentes, num discurso que se ergue contra os muitos movimentos de defesa GLBT, fala-se na mesma perspectiva com que outrora se discutia a ousadia das mulheres em busca dos direitos femininos ou dos negros quando estes buscaram romper com a lógica racista que os cercavam. Os que defendem a moral e os bons costumes, os valores da família, defendendo que a homossexualidade é um absurdo, nada mais se agarram do que em tradições muitas absolutamente insustentáveis do ponto de vista argumentativo. Nestes, o que pesa é apenas uma inaptidão à diferença, ao outro, àquilo que não é o mesmo. Quando se fala que a determinação da normatividade heterossexual tecida sobre as regras do casal homem/mulher, como regra para todos, isso é por si só uma violência, visto que muitos aí não se enquadram e aí não se encontram.

COMINHOS DE MEDIAÇÃO – O ENCONTRO

Dois caminhos me parecem viáveis quando agora pensamos em minar as estruturas de violência estabelecida no campo da sexualidade. Num primeiro deles cabe o discurso de denuncia, que expõe o jogo de forças e de poder que sustentam a barbárie, e aqui se desagrega uma racionalidade por outra. Falo num argumento que por si mesmo desconstrói os dispositivos que se tecem e justificam a opressão, os preconceitos e a violência declarada e não declarada. Neste estaria exatamente o exercício argumentativo tal como o fizemos acima, declarando os aspectos subjacentes de toda essa lógica perversa que inspira preconceitos e a violência contra tudo que fuja à normalidade estabelecida e criada pela tradição e história.

Num outro caminho, falo agora na necessidade de investirmos no próprio encontro humano, na sua absurda força construtiva que não segue a veia da logicidade da razão, mas que é revolucionária por si mesma. É do encontro face a face, em que o olhar rompe todas as lógicas e desarma todas as estruturas, que falo aqui. O que não é algo simples, principalmente quando as tramas da lógica totalitária se tornaram patologias.

O que descrevo é a necessidade de investirmos na força construtora do encontro, da matriz humana que brota das relações que se estabelecem quando os sujeitos abrem diante de si o espaço do diálogo em que a palavra pode ser pronunciada por ambos, o que se não resolve todas as coisas, com certeza inaugura outro *status* para as relações sociais.

Em meio à totalidade perdemos esse sentido fundamental que sempre animou os pequenos grupos humanos. Com a extensão de nosso poder de poder, com o alargamento das estruturas capitalistas que sustentaram a exuberância de antigos mecanismos de poder e interdição, desprezou-se o fato criativo de estar diante do outro, de misturar-se com ele, de identificar-se com ele e, com isso, de sensibilizar-se com ele. Por isso, haveríamos de abrir espaços múltiplos para a palavra, para o encontro, para as relações humanas verdadeiras, que por si mesmas delineiam caminhos alternativos no qual a unidade doentia se vê vazia de seus argumentos. Sem investirmos nesse caminho, seja na educação, no sistema judiciário, no sistema de saúde, permaneceremos em meio a tramas que em si e por si mesmas negam a alteridade e, com isso, rompem com as lições maiores de preservação da vida.

Observemos com Foucault como a arquitetura das escolas, dos presídios e hospitais segue uma mesma lógica de distanciamento das pessoas. A arquitetura civilizatória, aqui, ensina um caminho de insensibilidade, do não toque, do não encontro. E como poderíamos ter a construção do saber sem pensarmos no encontro que o produz? Como pensar na promoção da saúde sem a relação salutar entre médico e paciente? Como pensar na recuperação social de pessoas sem o encontro com estas? A vida humana não é nada na solidão. Somos em razão do encontro. Somos humanos porque nos relacionamos uns com os outros. E se há vida humana essa é em razão de vivermos em comunhão. Ver o encontro com o outro como apenas algo destrutivo e ameaçador é desprezar que a vida é em razão desse tecido humano que se tece no contexto relacional. Sem ele nossa existência seria empobrecida e fixada no mesmo silêncio a que estão condenadas as coisas.

Desse modo, o convite é para a palavra, a justiça se faz onde há palavra. E para haver palavra verdadeira precisamos da sabedoria que se tece quando estamos juntos. É dessa força construtora que emerge quando de nosso encontro que fala Levinas. É dessa matriz dialógica que fala Paulo Freire (2000) quando para a educação almeja um caminho de construção e comunhão. É preciso inaugurar novos caminhos para que possamos multiplicar o encontro humano, o diálogo, a problematização das verdades e dos saberes sabidos. Precisamos desconstruir verdades que nos fixam na força, na indiferença, na opulência que nos leva a dor. É deste caminho que falam os grandes homens e as grandes mulheres que a história chama de humanistas e pacificadores. Em todos eles ecoa o dito maior que proclama a maravilha da comunhão e a riqueza que é estar com o outro.

Neste sentido, se falamos aqui em sexualidade, nos seus interditos, nos discursos que são na verdade dispositivos de poder, falo agora da necessidade de se estar junto e observar como no fundo o que todos almejam é uma vida feliz, e que para nos aproximarmos da felicidade é preciso desagregar verdades, encontrar o outro, e desmistificar identidades. Sem essa desagregação que nos leva a sintonia com o outro, vamos perpetuar as forças que nos levam ao controle e ao aviltamento alheio, elementos que há muito temos denunciado como fonte do mal. Se há assim um caminho a se seguir esse é o da palavra, do diálogo e dos espaços que criamos para que nossos olhares se cruzem e digam que os caminhos estão em aberto e que precisamos juntos construir e instaurar um sentido alternativo para a civilização que não tenha em si mesmo a negação da vida. Assim, diversidade e unidade finalmente podem andar juntas, visto que a diversidade e a pluralidade vão ecoar dentro de um mesmo contexto, qual seja o da salvaguarda da vida, que aqui se chama ética, onde tudo que não fira e ameace à vida, que não represente a negação do outro, não figura como um problema. Face a face, olho no olho, e os monstros somem e o que fica são homens e mulheres em sua busca incessante. Sintonizemos a isso e desmistifiquemos antigas verdades e formas de pensar. Inauguremos um mundo de hospitalidade e acolhimento, onde todas as cores possam brilhar e todos os sons ecoar. Talvez quando aprendermos a aceitar as diferenças, a sermos menos indiferentes, a aceitarmos o que de modo algum produz dor e sofrimento, possamos instaurar aqui o que se deixa para um além da vida. Façamos do nosso tempo um tempo de justiça para assim alcançarmos a paz.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

FOUCAULT, M. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **História da Sexualidade I**. São Paulo: Graal, 1998.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2010.

_____. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LEVINAS, E. **Totalité et infini**. Essais sur l'extériorité. 1961. Paris: Martinus Nijhoff, La Haye, 1971.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

_____. **Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filósofa com o martelo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

_____. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.